

# CREPUSCULO

ORGAM LITTERARIO E NOTICIOSO

Propriedade de Sabbas Costa

ANNO II

ASSIGNATURAS:  
Por mez 500  
Pagamento adiantado

Publicação semanal

STA. CATHARINA—Desterro, 3 de Setembro de 1888

Escriptorio da Redacção,  
á rua do Senado  
N. 17

N. 20

## COLLABORADORES

DD. Delminda Silveira, Revocata  
H. de Mello (Rio Grande), Ibrantina  
de Oliveira, Alice de Alencar (Mon-  
tevidéo) e Ubaldina A. de Oliveira,  
Silvio Pellico, Bernardino Arella,  
Dr. Méseder, Carlos de Faria,  
Pedro Goudel, Timolho Maia, Er-  
nesto Pires, Brigido Peivoto e Sab-  
bas Costa.

## CREPUSCULO

Desterro, 3 de Setembro

Desde tempos immemoriaes a pala-  
vra escripta, que é a mais nobre e elo-  
quente fórma do nosso pensamento,  
por meio de signaes, é o calor, o en-  
thusiasmo, a força; o impulso desse  
grande invento que immortalisou Gut-  
temberg, chamado Imprensa.

Foi n'esta persuasão, neste nobre e  
incontestavel intento que resolvemos  
dar á publicidade o presente órgão,  
que ao mesmo tempo, que nos esforça-  
mos para que elle seja uma pequena  
gloria para esse inolvidavel talento,  
por seu meio manifestamos ao publico  
as nossas idéas, crenças e labores in-  
tellectuaes, interpretando os nossos e  
alheios sentimentos neste magno cer-  
tamen da vida gloriosa da imprensa!

Avante! foi a palavra que merece-  
mos dos nossos crentes e animados  
collegas.

Avante! será sempre o nosso grito,  
que semelhante ao estampido de uma  
voz do infinito, a que não é licito fu-  
gir, nunca devemos deixar de repetir.

### Contos originaes

VIII

A tarde descahia suavemente bella e  
cheia de poeticos encantos. O sol, re-  
clinando-se pouco a pouco nas colori-  
das bordas do occidente, deixava seus  
afogueados raios corar as nuvens que  
elevam-se na azulada téla do horizon-

te, como pilares de crystal, esmalta-  
dos de purpurinas barras.

Os sopros leves e impregnados de  
perfumes, que vinham do norte, ex-  
pandiam-se n'uma suavidade conforta-  
vel pelos prados verdejantes. Na igre-  
jinha da aldeia soava a ultima bada-  
lada das cinco horas, quando duas  
mulheres cobertas de pesado luto, ca-  
minhavam em direcção ao cemiterio;  
uma d'ellas era a infeliz Alzira que,  
completamente desfigurada, mais as-  
semelhava-se a um cadaver do que a  
um vivente, a outra era a sua caritati-  
va e inseparavel companheira.

Ao chegarem aquelle lugubre lugar,  
separaram-se procurando encontrar  
entre as sepulturas a do velho Simeão,  
e a que primeiro e sem custo pôde  
achal-a foi a desventurada Alzira que,  
sob a oppressão da mais aguda dôr,  
tremula, ajoelhou-se ante ella, elevan-  
do, suffocada pelos suspiros, fervoro-  
sas orações á venerada alma d'aquelle,  
cuja lembrança arrastava-a ao tumulo.

Assim decorreram algumas horas,  
sem que o mais leve indício de sahida  
satisfizesse o desejo da sua condescen-  
dente amiga, que não menos resentida  
d'aquelle triste espectáculo, partilhava  
das suas dôres.

Os halitos indecisos do crepusculo  
espalhavam ignotas tristezas por entre  
os ermos cyprestes, trazendo como  
fluidos de consolo, em melancholicas  
saudades, murmurios suaves, que re-  
frigeravam a enfebrecida fronte de Al-  
zira, como que coroando-a de resigna-  
ção. Chegava, pois, a noite quando  
aquella infeliz, beijando a fria cruz da  
sepultura e depondo sobre ella uma  
grinalda de rôxas saudades orvalhadas  
de lagrimas, retirava-se d'aquelle lu-  
gubre paragem. Já n'amplidão do in-  
finito surgia a lua serena e bella im-  
pallidecendo as sombras da noite, e  
aquellas duas creaturas caminhavam  
sem proferir palavra.

A fraqueza que invadia todo o ser  
de Alzira, obrigava-a a apoiar-se ao  
hombro de sua companheira e os sen-  
timentos que avivavam a sua vehe-  
mente dôr eram immensos.

Era forçoso que a pobre chorasse,  
porque as lagrimas dão lenitivo aos  
soffrimentos; porém assim já não po-

dia acontecer a Alzira, em consequen-  
cia de qualquer esforço que fizesse  
produzir-lhe uma sensação tão dolo-  
rosa no peito, como se a lamina de um  
punhal lh'o trespassasse de lado a  
lado, e a infeliz, para attenuar as dô-  
res, luctava com o martyrio, abafando  
soluços e reprimindo as lagrimas.

Não podia, pois, a debilidade de  
Alzira resistir a tão profundo desgosto.  
Successivas vertigens, acompanhadas de  
febre, prostraram-a no leito; e a morte,  
secando-lhe, sorrateira, o fragil orga-  
nismo, sorvia sceleradamente as ulti-  
mas gotas de sua seiva vital.

Sob essa tortura permaneceu algum  
tempo aquella infeliz, até que ao ama-  
nhecer de um dia em que o sol dourava  
a natureza, em que os passaros descant-  
avam amores, em que tudo brilhando  
reverdecido de musgos flôres, alegria  
e illusões, devia côroar de esperança e  
felicidade as desesete rissonhas e inno-  
centes primaveras de Alzira, quando  
para sempre veio-lhe a morte cingil-a  
em seus negros véos. Fatalidade!

A' tarde, caridosa mulher pranteava  
a despedida eterna de sua querida filha  
adoptiva, e neste assignalado dia em  
que completára um mez do falleci-  
mento de Simeão, ainda uma vez o  
coveiro reabria a sua sepultura para  
entrar o cadaver da martyr—Alzira!

IBRANTINA DE OLIVEIRA.

Desterro.

### Partida inesperada

(CONTO LIGEIRO)

I

— Entregame este bilhetinho ao  
Viegas, mas não quero, sabes, não  
quero que ninguém o veja.

— Sim, Sinhá.

Sinhá respirou. Deixou a janella e  
correu ao quintal. Sentou-se. Estava  
afflictiissima, fallava sósinha, batia pal-  
minhas na testa, endireitava os loiros  
crespinhos, juntava flôres, enfeitava o  
collo. Tudo isto era feito precipitada  
e febrilmente. Notava-se-lhe que o  
pensamento batia muito longe d'alli.

E assim esperava a resposta do bilhete.

## II

Sinhá occultava-se ás vistas dos paes, precisava vêr-se livre e só na solidão.

De facto estava unicamente só.

Não temia a dureza dos raios solares, a confusão do pó que enfumaçava os ares, o vento que engrossava e que feria mortalmente as mais amadurecidas folhas das laranjeiras copadas...

Nada temia.

## III

De volta da incumbencia chegou-se a ella a criada, a Joanna, uma rapariga novinha, de olhos grandes e alegres, e entregou-lhe um papelsinho dobrado em abraço; mas, que pena! o suor da criada tinha-lhe sujado as pontas!

Sinhá respirou, recobrou de forças, gargalhou. Abriu o bilhetinho e beijou-o. Logo nas primeiras linhas suspendeu a voz, abafou um suspiro, derramou uma lagrima.

Empallideceu de subito!

A criada não notou isso, estava distraída, com os olhos baixos, brincando com o pé na arêa.

## IV

— Infiel! bradou Sinhá, rompendo o bilhetinho, e se approximando da criada.

— O que foi?

— Infiel! repetio a moça, — communique-me elle, o Viegas, neste bilhete, que parte amanhã para a côrte por indeterminado tempo, e que, se tiver tempo, me virá dizer adeus!

— Então elle diz isso, menina?!... E a Sinhá que lhe queria tanto bem!..

— Eu que tinha tanta esperança n'elle!...

A criada rio brevemente e disse:

— A menina procure outro, desforre-se.

## 5 ROMANCE DO "CREPUSCULO"

## AS NOITES DE VERÃO

POR  
DAMASCENO VIEIRA

## As martyres

## I

Felicidade, apesar de pertencer á condição servil, era igualmente nobre pela correcção dos costumes e delicadeza de sentimentos. Casar-se, havia alguns mezes, com um escravo christão que a idolatrava.

A familia de Perpetua transportou-se para Roma com o fim de assistir aos «jogos seculares», esplendidas festas que ali se celebravam no começo de cada era e que duravam tres dias.

Quiz a fatalidade que o procurador Flaviano se enamorasse da nobre carthagineza. A joven, porém, que sabia guardar com escrupulo a fidelidade de esposa, recusou com repugnancia as aviltantes propostas do depravado romano. Fla-

E' mais uma penitente que o amor solta estrada a fóra, estonteada nas suas perfumadas luvas!

LUIZ NEVES

Desterro.

## Flôr infeliz

A S. COSTA

Dantes eu não a conhecia.

Via-a muitas vezes ao lado de uma senhora edosa, trajando vestidinho preto que realçava admiravelmente a sua côr morena, gentil e melancolica.

Treze annos era talvez a sua idade: estava na estação primaveril da vida.

Eu achava-a encantadora, e sentia por ella uma viva e sympathica recordação, não sei si occasionada pelo seu perfil correcto, attraente, ou si pela sua formosura, indelevelmente fastigada de tristeza.

Ninguem me sabia dizer quem ella era, e esse incognitismo impressionava-me muito, mesmo muito.

Todos os domingos e dias santificados ella ia á missa em companhia da mesma senhora, que era provavelmente sua mãe.

Então eu a vi ajoelhar-se e orar... Era tão bella assim!...

Seus cabellos, pretos como as vestes que trazia, roçavam-lhe as franzinhas espadas, pelas quaes se bamboleavam levemente aos gestos suaves da sua cabeinha...

Tambem eram-lhe pretos os olhos, d'onde se espelhavam doçuras e tristezas, modestia e infortunio...

Quando eu estava sózinho, quando a não via, perguntava a mim mesmo: Será uma vizã?... E como um cancro que vae perfurando a carne, assim a imagem d'ella perfura-me o pensamento...

Um dia, quando o sol começava a despontar, eu immerso em meditações passava por sobre uma estrada longiqua e solitaria... Abeirava-se a esta uma casinha modesta, a cujo lado direito, radian-

viano, valendo-se da autoridade de que se achava investido, quiz obrigar-a pela força a ceder aos seus desejos; nada conseguiu, nem pela brandura nem pela violencia. Prevaleceu-se então do facto de ser ella christã e lançou-a na prisão com um filho de peito e em companhia de Felicidade, que por esse tempo se achava grávida.

Instigadas a abjurar a sua crença, declararam ambas com firmeza heroica não renegar a doutrina do martyr do Gólgoiha.

Perpetua sabia perfeitamente a que inevitavel perigo se expunha; não ignorava que era certa a sua morte, se persistisse em repellir as torpes solicitações da ignobil autoridade; a infeliz tinha ainda bem presente na memoria a inaudita desgraça succedida por aquelle tempo á outra christã, a uma formosa escrava egypcia, Potamiana, que em castigo de igual recusa a seu senhor, foi brutalmente violada pelo carrasco e em seguida mergulhada em uma caldeira de alcatrão a ferver; lembrava-se do martyrio dos meninos Barulas e Orilla, o primeiro degolado pelo algoz em presença da propria mãe, que caridosamente apa-

lamente, florescia um jardim, symmetricamente plantado de rosas e saudades...

Parei ahí... Neste momento admirava eu o realce magestático das fiôres, que pareciam saudar o dia n'um exaltamento de perfumes inebriadores, extasiáticos!

Um brusco movimento na janella fez-me erguer os olhos, até então pairados nas fiôres... nos brincos graciosos da natureza!

N'esse instante eu tremi...

Acabava de conhecer atravez da gelosia a creatura extraordinaria, o ente que me escaldava o cerebro em cogitações ideaes!

E como estava bella! Os cabellos, cabidos pelas faces e hombros, em desalinbo, um paletotsinho de chita rôxa mal abotoado, deixando advinhar-se as formas seductoras que cobria... mãos pequeninas e rosadas, em cujos dedos brilhavam cinco perolas—as unhas—; enfim um infinito de bellezas... tudo, tudo me extasiara!

Afastei meus olhos daquelle *todo* gentil, receioso de que *ella* me visse admirando-a, e lentamente vim andando para casa...

No dia seguinte, ao contar o encontro a um amigo, este me respondeu:— Já a conheço... é uma orphã que levada pela miseria, vendeu a sua honra a um individuo rico e libidinoso...

Pobre moça! Eis porque eu via sempre em seu rosto a tristeza fastigando-lhe a formosura!...

P. GOUDEL

Desterro, 31—8—88.

## Flôr infeliz

A PEDRO GOUDEL

Germinaste da terra, pura e immaculada, assim como um verde musgo germina d'uma pedra...

Quando nasceste, a terra sorria e o sol vibrava na superficie innocente d'este botão, feito hoje—flôr.

rou no avental a ensanguentada cabeça; o segundo exposto á fogueira e ahí queimado vivo.

Porém este e muitos outros tragicos exemplos, longe de amortecerem nas jovens o seu devotamento á doutrina do crucificado, mais se tornavam firmes e inabalaveis na fé. Para ellas seria a suprema gloria regar com o seu sangue a arvore do christianismo, que recem elevava-se do sólo, mas que deveria alli mesmo n'aquella Roma perversa, abrigar na sua sombra as gerações porvindouras.

Levadas ao tribunal, foi-lhes decretada uma das mais severas penas: a de morrerem no circo, despedaçadas por feras.

As duas mulheres ouviram pronunciar a barbara sentença sem que o mais leve tremor lhes revelasse fraqueza.

Um unico pezar affligia Felicidade—era o facto de achar-se grávida. As leis romanas prohibiam a morte ás mulheres n'esse estado. Ella ver-se-ia, portanto, obrigada a esperar occasião propria para morrer, quando todo o seu desejo era partilhar do infortunio de Perpetua e succumbir com a sua senhora e amiga.

Foste pequena, e as tuas petalas, ainda como que receiando fectar a luz transparente do despontar esplendido de uma alvorada, deixavam-se ficar quêdas dentro d'esse teu calix aonde o suave aroma parecia não existir...

Adquiriste força e foste crescendo a medo, doce como um carinho e pura como um sorriso, até que conseguiste mostrar á humanidade as tuas singelas petalas.

Ah! pobre flôr, para que nasceste! No instante em que as tuas petalas flammejavam como astros, o sol deixava-se morrer no ocaso e umas nuvens pardacentas e ermas corriam velozmente.

Começaste embalada pelo vento e vigorosa pela terra a brincar descuidada, como uma andorinha no galho de uma arvore...

Que luz, que brancura, que aroma, que doçura, as tuas petalas guardavam! A tua vida virginal, correcta, era sempre uma vida de flôres.

A noite, quando a corrupção com o seu riso hediondo andava de braço com impudente assassino, costumavas dar perfumes á terra, e risos ao luar...

Um dia metteu-se na cabeça chata e torpe de um monstro a vontade de possuir-te...

O monstro roubou-te á terra...

Malditos sejam sempre os que assim procedem, maldita a estupidez dos monstros sociaes...

Continuaste, flôr, a exhalar perfumes.

Provaste um dia um mel das nostalgias, o mel dos dissabores.

O monstro pôe-se a desfolhar-te. Fiscaste sem petalas, ficaste sem perfumes.

Para que nasceste?

Fizeram de ti um fructo sem doçura, transformaram-te emfim n'um torpe coração!...

Conhece o teu crime, oh! monstro, conhece e atira-te ás solidões sombrias.

Abre o peito aos punhaes e a alma ás pantheras; conhece, miseravel, o teu horroroso crime!

Ah! justiça, tu que és tão recta como um grande pensamento, tu que emfim fazes sorrir os impunes e sabes punir os culpados, devias penetrar n'aquelle enorme monstro e tornal-o mais vil do que um cão faminto...

Arrasta-o bem para o carcere, prende-o bem pelo pescoço com argolas de ferro...

Vai, segue o teu destino, que ergue a sociedade e derroca a corrupção, que aclara o craneo d'um innocente, mas que offusca a alma d'um infame.

Não recueis ante o monstro, segue, que o teu destino é verdadeiro e nobre, é moral e util...

Mostra-nos um exemplo!...

Grava inexoravelmente com ferros ardentes as tuas soluções nas frentes sociaes, faz do exemplo um dogma sa-

grado, mas não faças de nós tyranos despoticos, explora o vicio, expelle a estupidez, que anda a rir pelos cafés e a cantar pelas ruas, é preciso, queremos que de resto punas o parasitismo e faças jorrar da sociedade torrentes de educação!...

SABBAS COSTA

Desterro, 29—Agosto—88.

PEROLAS DE OPHIR

MINHA INFANCIA

Oh que saudades que eu tenho  
D'aurora da minha vida!  
Da minha infancia querida  
Que os annos não trazem mais!

(C. DE ABREU)

Oh minha doce existencia,  
Minha aurora d'innocencia  
Tão cercada de carinhos!  
Ai! teus dias se passaram  
Como as rosas que murcharam  
Deixando sómente espinhos!

Sim, foram bem lindas rosas  
Aquellas horas ditosas  
Do meu viver d'innocente;  
N'ellas brilhava a alegria  
Como a doce luz do dia  
Nos arreboés do Oriente.

— Flôr abrindo melindrosa  
Da primavera mimosa  
Aos beijos primordiaes,—  
Se abria o meu coração  
A' virtude pela acção  
Dos carinhos maternas.

Eu era a leda avezinha  
Que em brando leito se aninha  
Ao pôr de um sol quente e bello;  
Chorava... mas logo ria  
Que ao pranto o riso prendia  
Da innocencia o doce élo.

Chorava, sim! mas ligeira  
Como a nuvem passageira  
Era essa dôr infantil:  
Logo ao céu da doce vida  
Assomava a luz querida  
Mostrando o risonho anil.

Porém finou-se a ventura  
Como a flôr mimosa e pura  
Que o vendaval decepou!...  
E como a quadra das flôres,  
E como um sonho de amores,  
A minha infancia findou!

DELMINDA SILVEIRA

Desterro.

TRISTE

Nas horas vagas da erma noite  
Como é saudoso e dôce o meditar,  
Quando as estrellas na amplidão sciintillam  
E geme merencorio e triste o mar,  
Quando a lua—a rainha solitaria—  
Nos espaços surgindo magestosa,  
Prateia as crystallinas fontes puras  
Junto das quaes suspira ave saudosa.

Nessas horas de languido silencio,  
De tristeza e saudade, e dôr e amores,  
Eu gôsto de escutar, tristonho, ao longe,  
Cheios de magoas e sentidas dôres,  
O rio gemer e a brisa ciciar,  
Em accôrdes de amor encher meu peito  
Da saudade e do amor com o dôce effeito,  
Aos afagos da brisa e do luar.

Então, tristonha, pensativa e queda.  
Gôsto de contemplar a natureza,  
Meus suspiros soltando de saudades,  
E chorar mergulhada na tristeza,  
Mas a dôr perennal que me compunge  
Traz os prantos dos negros dissabores,  
São saudades de minha amada terra,  
São lembranças de meus tristes amores.

UBALDINA A. DE OLIVEIRA

Desterro, 29 de Agosto de 1888.

CONTA-ME TUDO...

I

Vamos lá, vamos lá, não mais receies,  
Quero, meu anjo, que me vás contando  
a magoa enorme que teu peito fére,  
que vai sem termos nosso amor matando.

Vamos, não quero que me sejas má,  
conta-me tudo, vai abrindo a voz,  
quero escutar a accusação que fazes,  
quero sahir d'esse embaraço atroz...

Ora, não chores, meu amor, não chores,  
sabes quem ama como eu te amo  
é impossivel supportar as dôres  
que nos arrasta ao fatal engano.

Diz-me o que sentes, desabafa o peito,  
Deixa a tristeza que me vem ferir,  
se sou culpado m'emendar pretendo,  
por isso quero a narração ouvir.

II

Alguem te disse qu'eu amava a outra?  
ou que zombava dos affectos teus?  
que te mentia, que quebrava as juras  
que outr'ora fiz-te junto aos pés de Deus?

Não é possivel que tal cousa digam,  
que haja um ente que se atreva a tanto,  
que lance mão d'essa calumnia vil  
para extinguir o nosso amor tão santo.

Se assim te fallo é que amo muito  
d'estes teus olhos o brilhar infindo,  
é que te quero sempre junto a mim  
*rindo e cantando ou cantando e rindo!*...

TIMOTHEO MAIA

Desterro, 20—Agosto—88.

(Dos *Cantos Matinaes*)

### SONETO

A' ACHYLLES PORTO ALEGRE

Nos tons auroriaes dos versos teus divinos,  
scintillam os clarões das doces alvoradas,  
resumbra o quente olor das rosas desbrochadas  
da brisa sonora aos beijos peregrinos.

A inspiração resalta em ondas poderosas  
tudo vencendo e sempre eterna vencedora  
fremete e deslumbante, altiva e sonhadora  
de louros coroadas e peregrinas rosas.

Eu te saúdo oh! bardo! As' ovações brilhantes,  
que de todo o Brazil levantam ao teu nome  
cheias de luz, cantos e flores scintillantes;

Ouso tambem juntar o meu humilde canto  
humilde admirando o teu vasto renome  
cercado de esplendor e sonoro incanto!

ERNESTO PIRES

## NOTICIARIO

O motivo que allegamos para tão humilde noticia é-nos honroso e prazenteiro.

Precisamos seguir assim, sempre assim, nesta estrada tão florida quão util ao adiantamento popular.

A Exma. Sra. D. Revocata Heloisa de Mello, moça cujo fulgorantissimo talento é conhecido com apreço, e por nós sempre considerado e admirado, obsequiou-nos com a sua elevadissima e illustrada coadjuvação litteraria.

E' este um acontecimento que enche-nos de jubilo e que sem duvida nos anima bastante a proseguir.

A' illustrada e sincera proprietaria e redactora do sympathico e bem collaborado «Corymbo» saudamos com respeito e fazemos votos para a prosperidade d'aquelle defensor das classes sociaes.

Cordialmente agradecemos a gentileza da nobre poetisa e prosadora moderna.

Falleceu no dia 26 do passado o Sr. José Candido Duarte Silva, pessoa aliás de grande conceito e muito estimada por todos que o conheciam.

O presado cidadão era pai dos nossos honrados amigos Pedro A. Duarte Silva e José Pedro Duarte Silva, aos quaes, sem quereremos augmentar a dor de

tão fatal successo, enviamos as nossas mais intimas provas de intimo pesar.

### ALBUM DE PARABENS

No dia 29 do mesmo mez, 24 ridentes e floridas primaveras resplandeceram a frente do nosso digno amigo Sr. Deolindo Dutra, motivo por que com satisfação e criterio o saudamos.

Acha-se entre nós, vindo ha dias de Curytiba, o Sr. Francisco Fernandes Machado, distincto representante da casa Sotto Maior & C., na Côrte.

Comprimentamol-o.

### BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos:

O «Artista», importantissimo diario do Rio Grande, publicado á tarde.

E' seu proprietario o illustre cidadão Frankliñ Torres.

O valente, quão util e notavel orgam, que occupa ha 26 annos a classe do jornalismo brasileiro, é digno de apreço, pois que é bem e conscienciosamente escripto.

— O «Neto do Diabo», anno I, que vê a luz da publicidade na Bahia. E' critico, litterario e chistoso.

O «Neto» é agradável, pois a sua leitura não deixa de ser amena.

— O n. 26 do «Corymbo», do Rio Grande. Este orgam, de propriedade e redacção da conscienciosa e nobre escriptora Revocata H. de Mello, sempre por nós apreciado com sinceridade, traz bem elaborados artigos.

Bravo ao sympathico e bellissimo «Corymbo».

— A «Gazeta de Campinas», do poeta Carlos Ferreira, continúa a nos distinguir com a sua honrosa visita.

Além da illustre escriptora D. Revocata de Mello dispensar-nos o gentil obsequio de collaborar no nosso modesto opusculo, enviou-nos a seguinte missiva, que com contentamento publicamos:

«A' intelligente redacção do CREPUSCULO.—Sendo em tempo agradavelmente obsequiada com uma delicada carta d'essa sympathica redacção, onde em amabilissimas phrases era solicitada a minha invaliosa collaboração para o interessante CREPUSCULO, cabe-me o grato dever de sinceramente agradecer tão immerecido testemunho de apreço, prometendo não esquecer o gentil convite.

«Aproveitando o ensejo dirijo a essa digna redacção cumprimentos, e votos pelo desenvolvimento do bello CREPUSCULO, cujos destinos acham-se

sob a protecção de uma futura mocidade.

«Subscrevo-me como—Attenta admiradora e collega—REVOCATA H. DE MELLO.—Rio Grande, 8—7—88.»

Acha-se restabelecido o illustrado poeta rio-grandense Sr. Carlos Ferreira Parabens.

Foi nomeado 2º telegraphista o nosso estimado e sincero conterraneo Sr. Adolpho Nicolich.

Saudamol-o com prazer.

O poeta Lobo da Costa, que morrerá ha dias em Pelotas, não deixará de existir em virtude do abandono popular, e sim por outras causas, que constituiram a maior infelicidade do poeta. O povo pelotense sempre estimou o malogrado poeta e teve compaixão das suas necessidades.

Damos por não verdadeiras as noticias que ha tempos demos no nosso orgam.

Completo ante-hontem o seu 1º anniversario a aula nocturna de desenho dirigida pelo nosso talentoso conterraneo Joaquim Margarida, a quem contentes enviamos as nossas felicitações.

### OS SEGUROS SOBRE A VIDA

(Continuação)

#### IV

A confiança e a fé nos contractos jamais existiram lealmente nesta parte da America, defeito este que vamos encontrar origem na propria origem da nossa nacionalidade.

O que cumpre fazer a actual geração é trabalhar para a reconstituição de uma nova patria sobre bases solidas e estaveis, de accôrdo com as aspirações americanas, que têm um ideal politico mais consentaneo com a razão e a dignidade humana. E para isto muito concorre a educação do povo e a doutrinação dos bons principios economicos e sociaes.

#### V

Não resta a menor duvida que a co-opeção efficaz dos homens é o que forma as grandes e fortes collectividades.

Em uma empreza o que procuramos logo saber é do merito das pessoas que a dirigem. E o valor de uma sociedade está certamente na valia dos individuos que a compõem.

(Continúa)